

Do autor:

O Quarto Poder
O Décimo Primeiro Mandamento
O Crime Compensa
Filhos da Sorte
Falsa Impressão
O Evangelho Segundo Judas
Gato Escaldado Tem Nove Vidas
As Trilhas da Glória
Prisioneiro da Sorte

As Crônicas de Clifton

Só o Tempo Dirá
Os Pecados do Pai
O Segredo Mais Bem Guardado
Cuidado Com o Que Deseja
Mais Poderosa Que a Espada
É Chegada a Hora

EDITORA-EXECUTIVA
Renata Pettengill
SUBGERENTE EDITORIAL
Marcelo Vieira
ASSISTENTE EDITORIAL
Samuel Lima
ESTAGIÁRIA
Georgia Kallenbach

COPIDESQUE
Tássia Carvalho
REVISÃO
Rejane Alves
Camila Figueiredo
DIAGRAMAÇÃO
Beatriz Carvalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Archer, Jeffrey, 1940-

A712c

É chegada a hora [recurso eletrônico] / Jeffrey Archer ; tradução Wendy Campos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2020.

(As crônicas de Clifton ; 6)

recurso digital

Tradução de: Cometh the hour

Sequência de: Mais poderosa que a espada

Continua com: This was a man

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2466-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Campos, Wendy. II. Título. III. Série.

20-64208

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Copyright © Jeffrey Archer 2016

Publicado originalmente pela Macmillan, um selo da Pan Macmillan, divisão da

SUMÁRIO

PRÓLOGO

HARRY E EMMA CLIFTON

1

2

3

4

5

6

7

GILES BARRINGTON

8

9

10

11

LADY VIRGINIA FENWICK

12

13

14

SEBASTIAN CLIFTON

15

16

17

Prólogo

O sistema de alto-falantes cortou o silêncio.

— Por favor, queiram todos os envolvidos no litígio entre Lady Virginia Fenwick e senhora Emma Clifton...

— O júri deve ter chegado a um veredito — observou Trelford, já se levantando.

Enquanto olhava em volta para se certificar de que todos o acompanhavam, Trelford trombou em alguém. Embora o advogado tenha se desculpado, o jovem rapaz atingido sequer olhou para trás. Sebastian, que tinha seguido na frente, segurou a porta da sala de audiências catorze para que a mãe e o advogado reassumissem os lugares na primeira fila.

Nervosa e ansiosa demais, Emma permaneceu muda e, temendo o pior, olhava de relance para a fileira de trás, onde estava Harry, enquanto todos aguardavam a entrada dos jurados.

Quando a juíza Lane entrou na sala de audiências, todos se levantaram. Ela cumprimentou os presentes com um leve aceno antes de reassumir o posto na cadeira de couro vermelho de espaldar alto. Emma passou a concentrar a atenção na porta fechada que havia atrás da bancada dos jurados. Não precisou esperar muito para que ela se abrisse e logo aparecesse o oficial de justiça, que entrou na sala à frente de seus doze seguidores. Os jurados retomaram os respectivos lugares sem pressa alguma, pisando nos pés uns dos outros, como se fossem espectadores de teatro atrasados. O oficial de justiça esperou

que todos se sentassem antes de bater três vezes no piso com a ponta de seu bastão e clamar:

— O presidente do júri queira se levantar, por favor?

O presidente do júri, um homem de baixa estatura, levantou-se e olhou para a juíza Lane, que se inclinou para a frente e perguntou:

— Os senhores conseguiram chegar a um veredito unânime?

Emma achou que seu coração fosse parar de bater enquanto esperava a resposta.

— Não, milady.

— Então, chegaram a um veredito com uma maioria de pelo menos dez a dois?

— Chegamos, milady — respondeu o presidente do júri —, mas, infelizmente, no último minuto, um dos membros mudou de ideia, e não conseguimos sair de uma proporção de nove votos a três nesses últimos sessenta minutos. Como não estou convicto de que isso mudará, mais uma vez peço a sua orientação sobre como proceder.

— O senhor acredita que poderiam chegar a uma maioria com uma proporção de dez para dois se eu lhes desse um pouco mais de tempo para deliberar?

— Creio que sim, milady, pois, com relação a uma questão, todos nós estamos de acordo.

— E qual seria ela?

— Se tivéssemos autorização para conhecer o conteúdo da carta enviada pelo major Fisher ao sr. Trelford antes de cometer suicídio, talvez conseguíssemos chegar a uma decisão com rapidez.

Todos os olhares se voltaram para a juíza, com exceção de sir Edward Makepeace, que se manteve olhando atentamente para o sr. Trelford. O advogado de Virginia achava que ou o colega era um jogador de pôquer formidável, ou não queria que o Tribunal do Júri soubesse o conteúdo daquela carta.

Trelford se levantou e, ao enfiar a mão no bolso interno do paletó, descobriu que a carta não estava mais lá. Numa atitude instintiva,

olhou para o outro lado da sala, onde viu Lady Virginia sorrindo para ele.

Trelford sorriu de volta.

HARRY E EMMA CLIFTON

1970–1971

1

O júri estava em recesso.

A magistrada havia pedido aos sete homens e cinco mulheres uma última tentativa de chegar a um veredito. A meritíssima juíza Lane os instruíra a retornar na manhã seguinte. Ela já começava a pensar que um impasse seria o resultado mais provável. No momento em que se levantou, todos no tribunal fizeram o mesmo, com uma leve reverência. A sra. Lane retribuiu a lisonja e, depois que se retirou, o burburinho de vozes irrompeu no recinto.

— Poderia fazer a gentileza de me acompanhar ao meu escritório, sra. Clifton — perguntou Donald Trelford —, para que possamos discutir o conteúdo da carta do major Fisher e se ele deveria se tornar público?

Emma assentiu.

— Como sei que Sebastian precisa voltar ao trabalho, gostaria, se possível, que meu marido e meu irmão se juntassem a nós.

— Claro — concordou Trelford, recolhendo seus documentos e silenciosamente os conduzindo para fora do tribunal. Em seguida, desceu a ampla escada de mármore até o térreo. Ao pisar na Strand, foram recebidos novamente por uma horda de jornalistas alvoroçados e uma chuva de flashes de câmeras que os acompanharam enquanto abriam caminho até o gabinete do advogado.

Por fim, conseguiram ficar a sós ao chegarem à Lincoln Inn, uma antiga praça cercada de apartamentos charmosos que, na verdade,

eram escritórios de advogados e seus assistentes. O sr. Trelford os conduziu por uma ruidosa escada de madeira até o último andar do número 11, passando por uma fila de nomes cuidadosamente impressos em preto, os quais contrastavam com as paredes brancas como neve.

Quando Emma entrou no escritório do sr. Trelford, surpreendeu-se ao ver como o local era pequeno; não há escritórios grandes em Lincoln Inn, mesmo quando se é o chefe.

Assim que estavam todos acomodados, o sr. Trelford fitou a mulher sentada do outro lado da mesa. A sra. Clifton parecia calma e composta, quase impassível, algo raro para alguém diante da possibilidade da derrota e da humilhação, a menos que... Ele destrancou a gaveta superior da mesa, retirou uma pasta e entregou cópias das cartas do major Fisher para o sr. e a sra. Clifton e para sir Giles Barrington. A original permanecia trancada no cofre, embora ele não tivesse dúvida de que Lady Virginia havia de algum modo conseguido colocar as mãos na cópia que ele levara consigo ao tribunal.

Quando terminaram de ler a carta, escrita de próprio punho em papel timbrado da Câmara dos Comuns, Trelford disse com firmeza:

— Se me permitirem apresentar essa prova no julgamento, sra. Clifton, estou confiante de que podemos vencer.

— Isso está fora de questão — retrucou Emma, devolvendo a cópia para Trelford. — Eu nunca permitiria isso — acrescentou, com a dignidade de uma mulher que sabia que sua decisão poderia não só arruinar sua vida como também entregar a vitória de bandeja para a adversária.

— A senhora consentiria ao menos que seu marido e sir Giles opinassem a respeito?

Giles interveio sem esperar a permissão de Emma:

— Não há dúvidas de que o júri precisa ver isso; se lerem a carta, a decisão será unânime a nosso favor e, ainda mais importante, Virginia

jamais poderá voltar a dar as caras em público.

— É possível — disse Emma, calmamente —, mas, ao mesmo tempo, você teria que retirar sua candidatura para a eleição suplementar, e dessa vez o primeiro-ministro não lhe oferecerá um cargo na Câmara dos Lordes como compensação. E pode ter certeza de que sua ex-esposa considerará a destruição de sua carreira política um prêmio muito maior do que a minha derrota. Não, sr. Trelford — emendou, sem olhar para o irmão. — Essa carta permanecerá um segredo de família, e todos teremos que viver com as consequências disso.

— É muita teimosia de sua parte, irmãzinha — disparou Giles. — Talvez eu não queira passar o resto de minha vida me sentindo responsável por você perder esse processo e ter que renunciar ao cargo de presidente da Barrington. E não se esqueça de que ainda precisará pagar as custas judiciais de Virginia, sem falar em quaisquer indenizações que o júri decida conceder a ela.

— É um preço que estou disposta a pagar — afirmou Emma.

— Teimosa! — repetiu Giles, elevando a voz. — Aposto que Harry concorda comigo.

Todos se viraram para Harry, que não precisava ler a carta uma segunda vez para repetir palavra por palavra o que dizia. Entretanto, sentia-se dividido entre o desejo de proteger o velho amigo e não querer que a esposa perdesse o processo por calúnia. Algo que John Buchan certa vez descreveu como “estar entre a cruz e a espada”.

— A decisão não é minha — comentou Harry. — Mas, se fosse o meu futuro que estivesse em jogo, eu gostaria que a carta do Fisher fosse lida no julgamento.

— Dois a um — disse Giles.

— Meu futuro não está em jogo — retrucou Emma. — E você tem razão, querido: a decisão é minha. — Sem dizer uma palavra, ela se levantou da cadeira, apertou a mão do advogado e disse: — Obrigada, sr. Trelford. Até amanhã de manhã no tribunal, quando o júri decidirá

nosso destino.

Trelford fez uma leve mesura e esperou que a porta se fechasse atrás deles antes de murmurar: “Ela deveria se chamar Portia.”



— Como você conseguiu isso? — perguntou sir Edward.

Virginia sorriu. Sir Edward lhe ensinara que, ao ser interrogada no tribunal, se uma resposta não fosse favorável à causa, o melhor era se calar.

Sir Edward não sorriu de volta.

— Se o juiz permitir que o sr. Trelford apresente isso como prova — disse sacudindo a carta na mão —, eu não estarei mais confiante de nossa vitória. Na verdade, tenho certeza de que perderemos.

— A sra. Clifton nunca permitiria que isso fosse apresentado como prova — afirmou Virginia com confiança.

— Como pode ter tanta certeza?

— O irmão dela pretende disputar a eleição suplementar da zona portuária de Bristol em razão da morte do major Fisher. Se esta carta fosse a público, ele teria que retirar a candidatura. Seria o fim da carreira política de Giles.

Advogados, supostamente, deveriam ter opinião sobre tudo, menos sobre os próprios clientes. Mas não nesse caso. Sir Edward sabia exatamente o que pensava de Lady Virginia, mas não podia se dar o luxo de falar, dentro ou fora do tribunal.

— Se a senhora estiver certa, Lady Virginia — disse o advogado —, e eles não apresentarem a carta como prova, o júri presumirá que o conteúdo dela é prejudicial à defesa da sra. Clifton. Isso, sem dúvida, penderia a balança a nosso favor.

Virginia rasgou a carta e jogou os pedacinhos no lixo.

— Concordo, sir Edward.



Mais uma vez, Desmond Mellor havia reservado uma pequena sala de reuniões em um hotel antiquado e discreto, onde não seria reconhecido.

— Lady Virginia é a barbada desse páreo — disse Mellor de seu lugar à cabeceira da mesa. — Parece que, para variar, Alex Fisher acabou sendo útil.

— O *timing* de Fisher não poderia ter sido melhor — comentou Adrian Sloane. — Mas ainda precisamos ter tudo sob controle se quisermos assumir o controle da Barrington Shipping sem incidentes.

— Estou de pleno acordo — disse Mellor —, e é por isso que já elaborei um comunicado à imprensa, que deve ser publicado assim que o veredito for anunciado.

— Mas tudo isso pode mudar se a sra. Clifton permitir a leitura da carta de Fisher no tribunal.

— Posso lhe assegurar — retrucou Mellor — que a carta nunca virá a público.

— Você conhece o conteúdo da carta, não é? — perguntou Jim Knowles.

— Digamos que estou confiante de que a sra. Clifton não vai querer que o júri tenha acesso à carta. E isso só servirá para convencer os jurados de que nossa amada presidente tem algo a esconder. Assim, todos certamente passarão para o lado de Lady Virginia, e isso encerrará a questão.

— Como eles devem chegar ao veredito em algum momento de amanhã — disse Knowles —, convoquei uma assembleia geral de acionistas em caráter de emergência para segunda-feira às 10 horas da manhã. Haverá apenas dois itens na pauta, a aceitação da renúncia da sra. Clifton e a nomeação de Desmond como presidente da nova companhia.

— E minha primeira decisão como presidente será a nomeação de

Jim para vice-presidente. — Ao ouvir isso, Sloane franziu a testa. — Em seguida, pedirei a Adrian que se junte à diretoria, o que deixará bem claro para toda a cidade e para os acionistas que a Barrington está sob nova administração.

— Depois que os membros da diretoria lerem isso — disse Knowles, balançando o comunicado à imprensa como se fosse sua cartada final —, não demorará muito para que o almirante e seus colegas decidam que não têm escolha a não ser entregar as cartas de renúncia.

— O que relutantemente aceitarei — observou Mellor. — Com profundo pesar.

— Não tenho certeza de que Sebastian Clifton agirá conforme nossos planos tão facilmente — disse Sloane. — Se ele decidir permanecer na diretoria, a transição pode não ser tão tranquila como imaginamos, Desmond.

— Não acredito que Clifton vá querer continuar na diretoria da Mellor Shipping depois de sua mãe ser publicamente humilhada por Lady Virginia, não apenas no tribunal, mas em todos os jornais do país.

— Você deve mesmo saber o que há naquela carta — repetiu Knowles.



Giles desistiu de tentar convencer a irmã, pois percebeu que seria inútil.

Entre as muitas qualidades de Emma, havia uma lealdade feroz à família, aos amigos e a qualquer causa em que acreditasse. O outro lado da moeda, porém, era uma teimosia que, às vezes, permitia que seus sentimentos levassem a melhor sobre o bom senso, mesmo com a possibilidade de sua decisão resultar na derrota no processo por calúnia ou significar sua renúncia à presidência da Barrington. Giles

sabia disso, pois ele próprio seria capaz da mesma obstinação. Deve ser uma característica de família, concluiu. Harry, por outro lado, era mais pragmático. Conseguia ponderar as opções e considerar as alternativas para só então tomar uma decisão. Entretanto, Giles suspeitava que Harry estava dividido entre o apoio à esposa e a lealdade ao amigo mais antigo.

Quando os três saíram de Lincoln Inn, o lanterneiro acendia as primeiras lamparinas a gás.

— Vejo vocês em casa para o jantar — disse Giles. — Tenho algumas coisas a resolver. E, a propósito, obrigado, irmãzinha.

Harry chamou um táxi e sentou-se, com a esposa, no banco traseiro. Giles não se moveu até o carro dobrar a esquina e sair de sua vista. Então, dirigiu-se a passos apressados para Fleet Street.

2

Sebastian levantou cedo na manhã seguinte e, depois de ler o *Financial Times* e o *Daily Telegraph*, não via como a mãe poderia vencer o processo de calúnia.

O *Telegraph* ressaltava aos leitores que, se o conteúdo da carta de major Fisher permanecesse em segredo, a causa da sra. Clifton estaria em risco. O *Financial Times* se concentrava nos problemas que a Barrington Shipping enfrentaria se sua presidente perdesse a causa e fosse obrigada a renunciar. As ações da empresa já tinham desvalorizado em um xelim, pois muitos acionistas claramente haviam decidido que Lady Virginia seria a vitoriosa. Seb sentia que um impasse do júri era o melhor que a mãe poderia esperar. Como todos, ele não conseguia parar de imaginar o conteúdo da carta que o sr. Trelford não o permitira ler e a qual dos lados ela favoreceria. Quando ligou para a mãe, depois de retornar do trabalho, ela tratou o assunto de modo muito vago, o que o fez crer que seria perda de tempo perguntar algo ao pai.

Sebastian chegou ao banco ainda mais cedo do que de costume, mas, no instante em que se sentou à mesa e começou a ler a correspondência matinal, percebeu que não conseguia se concentrar. Depois de várias perguntas que permaneceram sem resposta, Rachel, a secretária, desistiu e sugeriu que ele fosse ao tribunal e não retornasse até o júri proferir o veredito. Embora relutante, Sebastian concordou.

Conforme o táxi seguia para o centro da cidade e entrava em Fleet

Street, Seb avistou a manchete estampada em letras garrafais na tabuleta do *Daily Mail* e gritou:

— Pare!

O taxista desviou para a sarjeta e pisou no freio. Seb saltou e correu até o garoto que vendia os jornais. Entregou-lhe quatro centavos e pegou apressado uma cópia. Parado na calçada, lendo a matéria de capa, suas emoções eram conflitantes: satisfação pela mãe, que agora certamente venceria a causa e seria inocentada, e tristeza pelo tio Giles, que claramente sacrificara a carreira política para fazer o que considerava honrado, pois Seb sabia que a mãe jamais teria permitido que qualquer pessoa de fora da família pusesse os olhos naquela carta.

De volta ao táxi, Sebastian ponderou, olhando fixamente pela janela do automóvel, como reagiria se enfrentasse o mesmo dilema. Será que a geração pré-guerra se norteava por um senso de moral diferente? Não duvidou nem por um minuto do que o pai teria feito, ou do quanto a mãe ficaria furiosa com Giles. Seus pensamentos transportaram-se para Samantha, que retornara aos Estados Unidos depois da decepção sofrida. O que ela faria nas mesmas circunstâncias? Se ao menos lhe desse uma segunda chance, certamente ele não cometeria o mesmo erro.

Seb verificou o relógio. Como a maioria das pessoas de bem de Washington ainda estaria dormindo nesse horário, percebeu que não poderia ligar para a diretora do colégio de sua filha Jessica, dra. Wolfe, para descobrir por que ela queria falar com ele com tanta urgência. Seria possível que...?

O táxi encostou em frente ao Palácio Real da Justiça, na Strand.

— São quatro xelins e seis centavos, senhor — disse o motorista, interrompendo os pensamentos de Seb. O rapaz entregou o dinheiro ao taxista.

Assim que desceu do táxi, foi recebido por uma chuva de flashes. As primeiras palavras que conseguiu ouvir em meio ao burburinho foram:

— O senhor leu a carta do major Fish?



Ao entrar na sala de audiências catorze e assumir seu lugar na cadeira de espaldar alto no centro da bancada principal, a juíza Lane não parecia nada satisfeita. Ela estava certa de que, apesar de sua instrução de que o júri não devesse ler os jornais durante o julgamento, a única coisa que discutiriam na sala de deliberação do júri naquela manhã seria a matéria de capa do *Daily Mail*. A juíza não fazia ideia de quem fora o responsável pelo vazamento da carta do major Fisher, mas isso não a impedia de, como todos demais presentes, ter um palpite.

Embora o sr. Trelford fosse o destinatário da carta, a magistrada estava certa de que não havia sido ele. O advogado jamais se envolveria em táticas tão ardilosas. Ela conhecia alguns advogados que fariam vista grossa, e até teriam coadunado com esse comportamento, mas não Donald Trelford. Ele preferiria perder o caso a ter de se sujar dessa maneira. A magistrada estava igualmente certa de que não fora Lady Virginia Fenwick, pois a carta prejudicaria sua causa. Se o vazamento do conteúdo da carta a favorecesse, Lady Virginia certamente seria a primeira suspeita da magistrada.

A juíza Lane olhou para a sra. Clifton, que permanecia cabisbaixa. Durante a última semana, a magistrada vira nascer uma admiração pela acusada e pensou que gostaria de conhecê-la melhor uma vez terminado o julgamento. Isso, porém, não seria possível. Na verdade, ela nunca mais falaria com Emma de novo. Caso contrário, criaria fundamentos para um novo julgamento.

Se a juíza tivesse de adivinhar quem fora o responsável pelo vazamento da carta, apostaria em sir Giles Barrington. Ela, porém, nunca adivinhava nem apostava. Apenas analisava provas. No entanto, o fato de que sir Giles não estava no julgamento naquela manhã poderia muito bem ser considerado uma prova, ainda que

circunstancial, de sua culpa.

A atenção da magistrada se voltou para sir Edward Makepeace, que, como sempre, permanecia impassível. O eminente advogado conduziu o julgamento de maneira brilhante e sua defesa eloquente sem dúvida ajudou muito a causa de Lady Virginia. Isso, porém, foi antes de o sr. Trelford trazer ao conhecimento do tribunal a carta do major Fisher. A juíza entendia por que nem Emma Clifton nem Lady Virginia queriam que o conteúdo da carta viesse a público, mas tinha certeza de que o sr. Trelford pressionara Emma para que autorizasse a inclusão da carta como evidência no processo. Afinal, sua cliente era a sra. Clifton, não o irmão. A magistrada supunha que não demoraria muito para o júri retornar e apresentar o veredito.



Ao telefonar para seu distrito eleitoral em Bristol naquela manhã, Giles e seu chefe de campanha, Griff Haskins, não precisaram de muita conversa. Depois de ler a matéria de capa do *Mail*, Griff, embora relutante, concordou que Giles teria de retirar seu nome como candidato do Partido Trabalhista para a próxima eleição suplementar pela zona portuária de Bristol.

— Típico de Fisher — disse Giles. — Cheio de meias verdades, exageros e insinuações.

— Não me surpreende — retrucou Griff. — Mas você é capaz de provar isso até o dia da eleição? Pois uma coisa é certa, a mensagem dos conservadores na véspera da eleição será a carta de Fisher, e eles vão distribuí-la em todas as caixas de correio do distrito eleitoral.

— Nós faríamos o mesmo, se tivéssemos a oportunidade — admitiu Giles.

— Mas se você pudesse provar que não passam de mentiras... — retrucou Griff, recusando-se a desistir.

— Eu não tenho tempo hábil para fazer isso e, mesmo se tivesse,

não estou certo de que alguém acreditaria em mim. As palavras dos mortos são muito mais poderosas do que as dos vivos.

— Então, só nos resta uma coisa — disse Griff. — Vamos beber para afogar as mágoas.

— Foi o que fiz ontem à noite — admitiu Giles. — E só Deus sabe o que mais.

— Assim que escolhermos um novo candidato — emendou Griff, retomando rapidamente o modo eleição. — Eu gostaria que você fornecesse a ele todos os detalhes, pois o escolhido precisará do seu apoio e, ainda mais importante, de sua experiência.

— Talvez isso não seja de grande vantagem dadas as circunstâncias — lembrou Giles.

— Pare de ser tão patético — repreendeu Griff. — Tenho a sensação de que não nos livraremos de você com tanta facilidade. O Partido Trabalhista está em seu sangue. Não foi Harold Wilson que disse que uma semana é um longo tempo na política?



Quando a discreta porta se abriu, todos na sala de audiências se calaram e voltaram a atenção para o oficial de justiça que abria caminho a fim de que os sete homens e as cinco mulheres adentrassem o recinto e tomassem seus assentos na bancada de jurados.

A juíza esperou que se acomodassem e então se inclinou e perguntou ao presidente do júri:

— Ilustre presidente do júri, os senhores chegaram a um veredito?

O presidente do júri levantou-se lentamente, ajustou os óculos, encarou a juíza e disse:

— Sim, milady, chegamos.

— E o veredito é unânime?

— Sim, milady.

— A decisão dos senhores é em favor da querelante, Lady Virginia Fenwick ou da acusada, sra. Emma Clifton?

— A decisão é em favor da acusada, milady — respondeu o presidente do júri, que, dando sua tarefa por concluída, voltou a seu assento.

Sebastian deu um salto e estava prestes a aplaudir quando notou os olhares de repreensão da mãe e da juíza. Rapidamente retornou ao assento e olhou para o pai, que acolheu seu olhar com uma piscadela.

Do outro lado do recinto, uma mulher encarava o júri, incapaz de esconder o descontentamento, enquanto seu advogado mantinha-se impassível sentado ao seu lado com os braços cruzados. Depois de ler a matéria de capa do *Daily Mail* naquela manhã, sir Edward sabia que sua cliente não tinha qualquer chance de vencer a causa. Ele poderia ter solicitado um novo julgamento, mas, na verdade, ele próprio desaconselharia sua cliente, dadas circunstâncias tão desfavoráveis.



Giles sentou-se sozinho à mesa do café da manhã em sua casa em Smith Square, abandonando a rotina habitual. Nada de tigela de cereais, nada de suco de laranja, nada de ovo cozido, nada de *Times*, nada de *Guardian*, apenas um exemplar do *Daily Mail* na mesa à sua frente.

CÂMARA DOS COMUNS

LONDRES SW1A 0AA

12 de novembro de 1970

Prezado sr. Trelford,

Deve achar curioso o fato de eu escrever para o senhor, e não para sir Edward Makepeace. A resposta é, de modo bem simples,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.